

## UMA REFLEXÃO SOBRE LEITURA, ESCRITA E INTERDISCIPLINARIDADE POR UMA PERSPECTIVA ENUNCIATIVA DA SUBJETIVIDADE

Maria Luciene Maia Freire<sup>1</sup>

Mário Gleisse das Chagas Martins<sup>2</sup>

### RESUMO

Propomo-nos, neste artigo, a promover uma reflexão a respeito dos processos de leitura, escrita e interdisciplinaridade, tendo como pano de fundo pressupostos teóricos da linguística da enunciação, representados aqui por Émile Benveniste (1976, 1989) e Mikhail Bakhtin (1981, 1997). Trata-se de uma revisão bibliográfica, com abordagem qualitativa no estudo sobre a leitura e a escrita enquanto processo de enunciação, numa perspectiva interdisciplinar. Além desses teóricos fundamentais, apoiamos nossa discussão também em Koch (2003, 2008), Fazenda (2002, 2008, 2011), Morin (2000), Gusdorf (2006), Japiassú (1976), Geraldi (1985), Medina (2007), Paviani (2008) e Flores (2005, 2009). O corpo do estudo se divide em três tópicos: Interdisciplinaridade, em que se apresenta os conceitos mais relevantes acerca desse termo; Linguística da enunciação e subjetividade - em que se busca refletir sobre a enunciação escrita e suas implicações e como o aluno se situa dentro desse processo; Produção textual escrita em que se faz referência a concepção de língua e de texto assumidas; Leitura e produção de texto em um contexto interdisciplinar – nesta secção são discutidas as relações estreitas entre leitura e escrita, contemplando os aspectos linguísticos, socioculturais e psicológicos envolvidos no diálogo entre elas, e a necessidade de um trabalho interdisciplinar ao se mediar o processo ensino-aprendizagem da leitura e da escrita.

**Palavras-chave:** Linguística da enunciação, Leitura, Escrita, Interdisciplinaridade.

### INTRODUÇÃO

Propomo-nos, neste artigo, a promover uma reflexão a respeito dos processos de leitura, escrita e interdisciplinaridade, tendo como pano de fundo pressupostos teóricos da linguística da enunciação, nomeadamente sobre a leitura e a escrita enquanto processos de enunciação, numa perspectiva interdisciplinar. Fundamentá-lo-nos aqui em Émile Benveniste (1976, 1989) e Mikhail Bakhtin (1981, 1997). Além desses teóricos fundamentais, apoiamos nossa discussão também em Koch (2003, 2008) e Flores (2005, 2009) e, também em Fazenda (2002, 2008,

---

<sup>1</sup>Mestranda do Programa POSENSINO pela ampla associação da UERN, UFERSA e IFRN. Graduada em Letras pela UECE – FAFIDAM. (Autor principal) E-mail: [lucienemfreire@hotmail.com](mailto:lucienemfreire@hotmail.com) (Autor principal)

<sup>2</sup>Doutor em Linguística Educacional pela Universidade de Lisboa. Professor adjunto da Universidade Federal Rural do Semi-Árido. E-mail: [mario.martins@ufersa.edu.br](mailto:mario.martins@ufersa.edu.br) (Coautor)

2011), Morin (2000), Gusdorf (2006), Japiassú (1976), Geraldi (1985), Medina (2007), Paviani (2008).

Segundo Benveniste (1989), para que a língua seja posta em uso, é necessário que o locutor marque sua presença no discurso, no texto, como também a de seu interlocutor, o que constitui as marcas da subjetividade de ambos. Desse modo, fala-se em intersubjetividade. Trazer para o contexto da sala de aula a interação por meio da linguagem planejada e contínua pode promover um desenvolvimento significativo na produção de textos escritos e textos orais (falados ou lidos), desde que os alunos sejam levados a identificar diferentes formas de enunciados, suas marcas, e a produzir esses enunciados variados, ocupando os espaços ora de enunciadador, ora de enunciatário.

A partir da perspectiva de Benveniste acima, o conceito de linguagem aqui explorado é dialógico, tendo a linguagem como sinônimo de interação, em que os interlocutores agem uns sobre os outros nas práticas sociais dos diferentes grupos de uma sociedade. Dentro desse contexto, dessa abordagem discursiva da linguagem, tanto a leitura quanto a escrita são produtoras de enunciados que estarão sempre em relações interdiscursivas, do mesmo modo como se vê em Bakhtin:

Toda enunciação, mesmo na forma imobilizada da escrita, é uma resposta a alguma coisa e é construída como tal. Não passa de um elo da cadeia dos atos de fala. Toda inscrição prolonga aquelas que a precederam, trava uma polêmica com elas, conta com as reações ativas da compreensão, antecipa-as. (BAKHTIN, 1997, p. 98)

A escrita enquanto um processo de aprendizagem, de construção, se enquadra na definição de Benveniste (1989) de escrita como experiência humana e requer do professor uma postura questionadora, problematizadora, para ajudar o aluno a acionar ou adquirir os recursos necessários para a produção de textos que sejam coerentes e adequados aos leitores eventuais e ao objetivo do texto, levando-se em conta também o “contexto de produção e o contexto de uso” (KOCH, 2008, p. 70).

A leitura representa também uma atividade interativa do leitor com o texto, em que, segundo Koch (2008), é necessário que o leitor mobilize vários tipos de conhecimentos para compreender o texto e produzir sentido.

A escola tem dificuldades em fazer com que seus alunos leiam e produzam textos. Há uma preocupação e um foco no trabalho baseado no cumprimento do currículo. Trabalha-se com leituras superficiais, e isso anda na contramão do ato de ser letrado, do trabalho interdisciplinar, pois esse tipo de trabalho esvazia-se dos significados que podem ser construídos, das relações de um texto com outros textos, do diálogo entre disciplinas.

Para dar consecução a esta reflexão, seguem-se quatro seções: *Interdisciplinaridade*, em que se apresentam os conceitos mais relevantes acerca desse termo; *Linguística da enunciação e subjetividade*, em que se busca refletir sobre a enunciação escrita e suas implicações e como o aluno se situa dentro desse processo; *Produção textual escrita*, em que se faz referência à concepção de língua e de texto assumidas; *Leitura e produção de texto em um contexto interdisciplinar*, em que são discutidas as relações estreitas entre leitura e escrita, contemplando-se os aspectos linguísticos, socioculturais e psicológicos envolvidos no diálogo entre elas, e a necessidade de um trabalho interdisciplinar ao se mediar o processo ensino-aprendizagem da leitura e da escrita.

## INTERDISCIPLINARIDADE

Sabemos que não há um consenso, uma definição única do que seja a interdisciplinaridade, pelo que é necessário apontarmos algumas definições por nós pesquisadas e, ao mesmo tempo, nos posicionarmos, fazendo menção ao conceito que melhor representa o termo segundo a nossa visão.

A origem da palavra *interdisciplinaridade* está relacionada com a transformação do modo de fazer ciência e de compreender a realidade. Esta transformação está embasada em uma noção de ciência não mais restrita somente ao princípio da objetividade, mas dentro de um contexto, em que há a necessidade de acrescentar um outro elemento ao fazer científico: a subjetividade, possibilitando um “real encontro da ciência e da existência” (FAZENDA, 2008, p.15).

A fonte desse contexto em favor da interdisciplinaridade está em uma reação contrária a todo conhecimento que dá *status* ao capital epistemológico de algumas ciências, como também o posicionamento alienante, sem teor crítico da academia, com um currículo tendencioso para uma especialização demasiada e para a condução de um conhecimento com uma visão e direção únicas. Assim a palavra *interdisciplinaridade* traz consigo, imbuída em seu significado, o anseio pela mudança, pelo novo, a necessidade de um novo modelo para a ciência e, conseqüentemente, para o conhecimento e para a construção de uma nova visão de educação, de escola.

Como sintetiza Aiub (2006), etimologicamente a palavra *interdisciplinaridade* é formada por três elementos: *inter*, que expressa reciprocidade; *disciplinar*, do latim *discere*, que significa *aprender* e que também é relativo à *disciplina*; e o sufixo *-dade*, que se refere a qualidade, estado ou resultado de uma ação. Antes de prosseguirmos, é importante lembrar que

a expressão *disciplina* contém outros significados, como normas de conduta para manter a ordem de uma classe, ou ainda subordinação, obediência a em sistemas de hierarquia. Pode também significar matéria, organização sistemática de conteúdos relativo a um conhecimento dado. E ainda pode representar a concepção de um saber específico com objeto delimitado, tendo método próprio. Assim usando a lupa da etimologia, e ainda em linha com Aiub (2006), interdisciplinaridade significa uma ação recíproca entre disciplinas, obedecendo a uma ordem, culminando em um estado, qualidade ou resultado de uma ação.

Para avançarmos mais no conceito de interdisciplinaridade, citamos Fazenda, que nos diz que ser interdisciplinar implica

(...) uma formação adequada que pressuponha um treino na arte de entender e esperar, um desenvolvimento no sentido da criação e da imaginação. A importância metodológica é indiscutível, porém é necessário não fazer dela um fim, pois interdisciplinaridade não se ensina nem se aprende, apenas vive-se, exerce-se e, por isso, exige uma nova pedagogia, a da comunicação. (FAZENDA, 2011, p. 11)

Os adeptos da abertura de fronteira das disciplinas encontraram muita resistência dos acadêmicos que tratavam o conhecimento de modo compartimentado (FAZENDA, 2008). Essa resistência deve-se, dentre outros fatores, a uma visão positivista de ciência, que se restringe aos fatos (visão essa, preocupada com o *como* e não com o *porquê*). Foi essa resistência que sofreram Hilton Japiassú, precursor dos estudos sobre interdisciplinaridade no Brasil, e Georges Gusdorf, que, juntamente com Piaget, foi precursor dos estudos sobre interdisciplinaridade.

Esses embates sobre o papel humanístico da ciência e do conhecimento foram o terreno fértil para que nascessem reflexões em torno da ideia de interdisciplinaridade. Na contramão desse conhecimento fragmentado, investe-se na concepção de totalidade, defendida, desde sempre, por aquele que foi fundador do conceito de interdisciplinaridade e da carga de significado que ela traz – Georges Gusdorf. É notória a impossibilidade de se ter uma única visão a respeito do conceito de interdisciplinaridade, de uma teoria única, mas é necessário ter-se claro o percurso de cada pesquisador que trata do tema (FAZENDA, 2008).

Japiassú (1976, p. 74) defende que a “interdisciplinaridade se caracteriza pela intensidade das trocas entre os especialistas e pelo grau de interação real das disciplinas no interior de um mesmo projeto de pesquisa”. Nesse sentido, podemos falar de ampliação da capacidade de ver, procurando nas partes as relações com o todo. Identificando as pontes que já existem, pois, “o parcelamento e a compartimentação dos saberes impedem apreender o que está tecido junto” (MORIN, 2000, p. 45). Nesse mesmo contexto, Fazenda nos aponta os prejuízos de uma visão fragmentada do conhecimento

O destino da ciência multipartida seria a falência do conhecimento, pois na medida em que nos distanciássemos de um conhecimento em totalidade, estaríamos decretando a falência do humano, a agonia de nossa civilização. (FAZENDA, 2008, p. 19)

Paviani (2008) também chama atenção para o mau entendimento do que é a interdisciplinaridade e os efeitos que essa incompreensão pode causar, seja no ensino, seja na pesquisa. É necessária a existência de uma experiência interdisciplinar, e não somente a menção de um conceito. Experiência no sentido de tomar decisões, de avaliar, de conhecer, de fazer inter-relações entre os diferentes tipos de conhecimento. Nas palavras de Paviani,

A redução da interdisciplinaridade a um simples arranjo entre disciplinas ou à mera colaboração entre professores, sem um exame de suas implicações epistemológicas e metodológicas, transforma sua prática num modismo intelectual, ou, ainda, numa inútil justaposição de atividades. O que pode ser um fenômeno fundamental do conhecimento e dos saberes, pode vir a ser ignorado ou mal-interpretado. (PAVIANI, 2008, p. 9)

Segundo Fazenda (2002), coerência, desapego, humildade, espera, respeito norteiam uma prática docente interdisciplinar. A coerência exige estreita relação entre o discurso e a prática. O desapego nos anima a estar abertos ao novo, às mudanças. A humildade representa o reconhecimento das nossas limitações, enquanto seres humanos que somos. A espera implica o sentido de aguardar com paciência a maturação, o tempo em que o que foi ensinado possa vir a florescer e produzir frutos. O respeito nos impulsiona para uma relação aberta com o outro, enxergando-o e, apesar das diferenças, reconhecendo-o como igual na natureza que nos constitui. Assim, Fazenda (2002), com muita propriedade, usando implícitos os princípios acima, sobre a interdisciplinaridade diz que:

interdisciplinaridade é uma nova atitude diante da questão do conhecimento, de abertura à compreensão de aspectos ocultos do ato de aprender e dos aparentemente expressos, colocando-os em questão. Exige, portanto, na prática uma profunda imersão no trabalho cotidiano. (FAZENDA, 2002, p. 11)

Por fim, queremos trazer à tona a fala de Japiassú (1976) em que ele alerta para os males que pode haver em uma ciência que desintegra seu objeto e para o fato de a ciência precisar ter no homem seu ponto de partida e seu ponto de chegada. Assim o homem precisa ser a referência de toda e qualquer ciência, ou como o próprio autor nos diz: “Devemos considerar como alienada e alienante toda ciência que se contenta em dissociar e em desintegrar seu objeto” (JAPIASSÚ, 1976, p. 20).

Todo conceito de interdisciplinaridade defendido só terá força se houver uma relação direta entre o discurso assumido e a prática realizada, se todo o agir, todo o conhecer, todas as trocas forem em prol do crescimento humano, se houver o reconhecimento da importância dos

diferentes conhecimentos e saberes, sem nenhum querer se sobrepor a outro, de modo que se possa ter a mente mais livre e, conseqüentemente, uma liberdade promovida pelo conhecimento integrado, engajado, interdisciplinar.

## LINGUÍSTICA DA ENUNCIÇÃO E SUBJETIVIDADE

Para tratarmos da relação entre a enunciação escrita e a subjetividade que nela se instaura, necessitamos discorrer sobre alguns conceitos-chave no escopo da linguística da enunciação, a começar pela própria enunciação, que, embora seja um dos elementos que amalgamam essa linguística, se apresenta com diferenças em cada um dos autores fundantes. Assim, alinhamo-nos a Bakhtin, para quem a *enunciação*, na releitura de Flores *et al.* (2009, p. 31), é a “materialização da interação verbal de sujeitos históricos”, é, portanto, a interação verbal *per se*, de que resulta o enunciado, produto dessa interação verbal, que Bakhtin descreve como

(...) um elo na cadeia da comunicação verbal. Representa a instância ativa do locutor numa ou noutra esfera do objeto do sentido. Por isso, o enunciado se caracteriza acima de tudo pelo conteúdo preciso do objeto do sentido. (BAKHTIN, 1997, p. 308)

Trazer para os espaços de debate da linguística o conceito da enunciação, como fizera Bakhtin, e mesmo Benveniste, a seu modo, significa romper com a hegemonia estruturalista orientada para uma linguística formal, em que se considera a língua, como descrevem Flores e Teixeira (2005), apenas como sistema combinatório, e ainda que o olhar sobre a língua se dê sobre o objeto materializado, as marcas da enunciação permitem a um analista (e conseqüentemente a um professor) observar os modos como, nos usos da línguas, se instanciam certos fenômenos da enunciação, tais como subjetividade, dêixis ou modalização.

A subjetividade, um dos focos da reflexão aqui pretendida, dentro do campo da linguística da enunciação, é parte essencial da descrição linguística. No entanto, não contemplam o sujeito, mas a representação deste que a enunciação constrói (FLORES, 2009). Desse modo,

(...) em toda enunciação, por mais insignificante que seja, renova-se sem cessar essa síntese dialética viva entre o psíquico e o ideológico, entre a vida interior e a vida exterior. Em todo ato de fala, a atividade mental subjetiva se dissolve no fato objetivo da enunciação realizada, enquanto que a palavra enunciada se subjetiva no ato de decodificação que deve, cedo ou tarde, provocar uma codificação em forma de réplica. (...) A palavra revela-se, no momento de sua expressão, como o produto da interação viva das forças sociais. É assim que o psiquismo e a ideologia se impregnam mutuamente no processo único e objetivo das relações sociais. (BAKHTIN, 1981 p. 48)

Para Bakhtin, a enunciação é o canal por meio do qual a atividade mental subjetiva se realiza, toma forma. As palavras são as ferramentas, os instrumentos dentro desse canal. Metaforicamente, é como se a enunciação fosse a ponte entre a subjetividade do indivíduo e o mundo exterior, e as palavras fossem a base da ponte. Em uma enunciação, há uma intrínseca relação entre a subjetividade do enunciador e a do enunciatário, por vezes até combates, quando há valores antagônicos.

Segundo Bakhtin (1981), a expressão exterior é um prolongamento do discurso interior e das entoações que esse discurso contém. A simples tomada de consciência de uma sensação ou de um fato desencadeia um discurso interior, mesmo que não haja a expressão exterior dele. Portanto, o ato enunciativo sempre nasce de um discurso interior, da subjetividade do enunciador.

De acordo com Benveniste, a subjetividade, enquanto unidade psíquica, só se realiza na linguagem ou, noutros termos, é “na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito” (BENVENISTE, 1989, p. 286). Assim, ainda nas palavras de Benveniste (1989, p. 286), a subjetividade é definida “como a unidade psíquica que transcende a totalidade das experiências vividas que reúne, e que assegura a permanência da consciência”.

Benveniste defende uma ideia de linguagem que dá ao indivíduo a condição de sujeito. Concebe o homem como um ser de linguagem, mas que, para sê-lo, necessita de outro homem (BENVENISTE, 1989), sendo então característica do humano a interação. Nesse contexto há uma estrutura que Benveniste chama de quadro figurativo da enunciação, em que o *eu* representa a origem, parte interior, e o *tu* representa o fim, parte exterior, sendo o *eu* e o *tu* reversíveis dentro do processo da enunciação.

Outros elementos são relevantes quando se estuda a enunciação: situação de produção do enunciado, compartilhamento de conhecimentos, papel social de enunciador e enunciatário.

A situação de produção do enunciado diz respeito ao espaço (*aqui*) e ao tempo (*agora*) da enunciação (BENVENISTE, 1989), ao qual podemos remeter à noção de contexto. Ele envolve os aspectos socioculturais, a situação de interação imediata (que envolve os participantes, local e tempo da interação, objetivo da comunicação e meio da propagação), a intertextualidade, os conhecimentos linguísticos, enciclopédicos, situacionais, tipológicos (KOCH, 2008), ou seja, a situação de produção ou contexto representa as suposições dos saberes dos interlocutores envolvidos na realização da enunciação.

Quanto ao compartilhamento de conhecimento, para que haja compreensão e interação entre enunciador e enunciatário, entre o autor e o leitor, não é necessário que os conhecimentos de ambos coincidam, mas que haja uma troca, uma interação dinâmica entre eles. O enunciador

pressupõe da parte dos enunciatários conhecimentos enciclopédicos, linguísticos, situacionais e, usando o princípio da economia, avalia o que deve ser explicitado e o que pode ficar implícito (balanceamento das informações), podendo ser recuperado por meio de inferências (KOCH, 2008).

Na enunciação, o enunciador e o enunciatário, o autor e o leitor são constituídos e também se constituem enquanto sujeitos, gerando significados e confrontando-os, a partir do papel que exercem no mundo a que pertencem. O nascimento do texto se dá quando o autor lhe atribui significado a partir do lugar que ocupa no mundo e é recontextualizado pelo leitor a partir da relação que estabelece com seu próprio mundo. Assim, o papel social de um e de outro são condicionadores da criação de significados e sentidos.

## **PRODUÇÃO TEXTUAL ESCRITA**

Passemos agora a nos remeter ao texto e aos processos de sua produção. É necessário lembrar que o conceito de texto está relacionado com as concepções de língua e de sujeito que se tenha. Assumimos aqui uma concepção dialógica de língua, em que os interlocutores, assumindo uma atitude ativa, fazem do texto um espaço de interação. A definição de texto não se limita a uma sequência linguística, refletida na organização de palavras escritas em um papel ou pronunciadas por um falante da língua. Ela está profundamente associada à ação de produção e recepção de textos realizada pelos interlocutores, ambos comprometidos com a construção de sentidos.

Ao escrevermos, mergulhamos em uma abstração completamente diferente da do nível de fala. Na fala, há o auxílio do contexto material, que ajuda diretamente na construção de sentido daquilo que se fala. Ao contrário, a escrita não pode contar com este elemento, sendo necessário que o autor elabore uma linguagem interior para que assim, ao se converter em escrita, seja compreendido pelo leitor. A escrita para se realizar com qualidade necessita de conhecimento linguístico, conhecimento interacional, experiência e motivação.

Assim, a língua escrita pressupõe uma consciência linguística diferente da instância falada da língua e impõe ao falante da língua uma relação que se diferencia pela necessidade de conversão dos conhecimentos linguísticos e pela mobilização destes para o campo da escrita. Para que se desenvolva a competência leitora e escrita, é imprescindível que haja uma reflexão explícita sobre a língua, sobre seu poder de significação. Sabemos que a aquisição da língua escrita é processual, necessita de acompanhamento, intervenções e mobilizações por parte

daqueles que mediam esse processo: “a passagem à escrita é uma mudança brusca, que demora para acontecer” (BENVENISTE, 2012, p. 93).

Quando fazemos a seleção de uma palavra para usar em um enunciado, retiramo-la de outro enunciado, que tenha semelhança com o nosso, que pertença, geralmente, ao mesmo gênero e estilo. Assim os enunciados se inter-relacionam continuamente. O atual enunciado está sempre em relação de correspondência com o anterior e com o futuro. Desse modo temos uma relação de sentido com as palavras que usamos:

o enunciado é um elo na cadeia da comunicação verbal e não pode ser separado dos elos anteriores que o determinam, por fora e por dentro, e provocam nele reações-respostas imediatas e uma ressonância dialógica. (BAKHTIN, 1997, p. 320)

## **LEITURA E PRODUÇÃO DE TEXTO NO CONTEXTO INTERDISCIPLINAR**

A linguagem humana é uma atividade que pressupõe interação e, através dela, os indivíduos produzem textos orais e escritos. Ler e produzir textos representam atividades interativas que permitem o compartilhamento de conhecimentos de mais diversa natureza, por meio daqueles que fazem parte do processo de interação. Ambas as atividades são perpassadas pela interdisciplinaridade. Recorremos ao conceito de texto, de leitura e usaremos os já visitados conceitos sobre interdisciplinaridade a fim de refletirmos de um modo mais apurado sobre essas importantes questões dentro do processo ensino –aprendizagem.

A língua está relacionada com toda atividade humana, por isso os modos de utilização daquela variam tanto quanto desta. Assim, “a utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana” (BAKHTIN, 1997, p. 280).

Na concepção dialógica de língua que usamos aqui, o texto representa o espaço de interação entre os sujeitos, onde agem mutuamente. E o sentido do texto é construído na interação texto-sujeito.

Já a leitura pode ser conceituada como uma atividade de produção de sentido, conseqüentemente, assumindo o leitor o papel ativo, devendo no espaço do texto, dentro de um dado contexto, construir essas relações de sentido, portanto,

a leitura é o processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto, a partir de seus objetivos, de seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a linguagem etc. Não se trata de extrair informação, decodificando letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica estratégias de seleção, antecipação, inferência e verificação, sem as quais não é possível proficiência. É o uso desses procedimentos que possibilita controlar o que vai sendo lido, permitindo tomar decisões diante de dificuldades de compreensão, avançar na busca de esclarecimentos, validar no texto suposições feitas. (BRASIL, 1998, p. 69-70)

É ainda importante destacar que a construção de sentido na leitura está relacionada com os objetivos de leitura que se têm, com os conhecimentos prévios, as inferências, a intertextualidade, o grau de coerência do texto.

A escola, dentro do seu papel de formação, tem compromisso e responsabilidade com o aluno com relação ao processo ensino-aprendizagem. Desse modo, precisa desenvolver um trabalho que propicie a aquisição de competências que se reflitam em um conjunto de habilidades que gerarão no educando as condições de vencer os obstáculos no percurso de sua formação. Ler e escrever são atividades inerentes a esse processo e constituem-se em habilidades indispensáveis para o domínio da língua e seu uso. E essas duas atividades pertencem a todas as disciplinas e devem ser exploradas e aprofundadas por todas elas, dentro da escola, no trabalho de sala de aula, uma vez que,

a interdisciplinaridade corresponde a uma das estruturas mestras do espaço mental; ela patrocina a função de síntese reguladora da unidade do pensamento. Todos os indivíduos, mesmo os menos dotados, fazem interdisciplinaridade sem o saberem. Totalizam os seus conhecimentos de todas as categorias, e esta totalidade mais ou menos harmoniosa serve-lhes de princípio regulador na sua confrontação com o mundo. (GUSDORF, 2006, p. 14)

Mesmo considerando que a leitura está para a presença, assim como a escrita está para a ausência, como compara Medina (2007), que diz que

(...) na leitura e na escrita a ausência dos elementos de comunicação é a norma, ao invés de exceção: a audiência está tipicamente ausente quando escrevemos, o autor está tipicamente ausente quando lemos, e os objetos sobre os quais falamos na escrita, estão raramente na proximidade. (MEDINA, 2007, p. 167)

ambas, leitura e escrita, estão indissolivelmente interligadas. E devem ser tratadas de modo interdisciplinar.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

De tudo que foi discutido, cabe-nos afirmar que se a leitura e a escrita forem vistas uma como reflexo da outra e mobilizadas em um trabalho interdisciplinar, em que os saberes buscados e construídos sejam contextualizados, o aluno terá mais condições de ter um ensino que o prepare para viver em sociedade, que o ajude a desenvolver um senso crítico e assumir sua cidadania.

A enunciação, seja falada, seja escrita, como já foi dito, é marcada por um *eu* que se refere a um *tu* e a existência do primeiro é devido ao segundo, de acordo com Benveniste (1981). Nessa condição de reciprocidade, é adequado e profícuo que o trabalho com a enunciação escrita em sala de aula possa estar apoiado na leitura, no sentido de que esta seja um instrumento para a compreensão de propriedades específicas da modalidade escrita da língua, permitindo

que o aluno se aproprie tanto de uma quanto de outra, num processo contínuo e bidirecional de construção do conhecimento. Destaca-se, assim, a importância de um olhar interdisciplinar do professor, que conduz e mobiliza esses saberes, bem como a qualidade da interação que ocorre em sala de aula (professor – aluno; aluno – aluno).

Portanto, estudar a língua a partir de uma perspectiva enunciativa leva em conta o sujeito e sua subjetividade e as relações intersubjetivas, construídas no processo ensino-aprendizagem, considera ainda o diálogo entre os saberes, entre as áreas, entre as disciplinas, tendo-se consciência de que o conhecimento é globalizado e contextualizado e que, mesmo que se tente fazer amputações, as ligações não deixam de existir (nós é que deixamos de enxergá-las), é o caminho para a autonomia do sujeito, no sentido de compreender o mundo e agir sobre ele.

## REFERÊNCIAS

AIUB, Mônica. **Interdisciplinaridade: da origem à atualidade**. São Paulo: O mundo da saúde, 2006.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**; tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem. Problemas Fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem**; tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1981.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral I**; tradução de Maria da Glória Novak e Luiza Neri; revisão do prof. Isaac Nicolau Salum. São Paulo, Ed. Nacional, Ed da Universidade de São Paulo, 1976.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral II**; tradução de Eduardo Guimarães; revisão técnica da tradução de Eduardo Guimarães. Campinas, SP: Pontes, 1989.

BENVENISTE, Émile. **Dernières Leçons**. França: Seuil, 2012.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)**. Língua Portuguesa. Ensino Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

FAZENDA, Ivani C. A. (org.). **Dicionário em Construção: interdisciplinaridade**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

FAZENDA, Ivani C. A. **Integração e Interdisciplinaridade no Ensino Brasileiro: Efetividade ou ideologia?** 6. ed. São Paulo: Loyola, 2011.

FAZENDA, Ivani C. A. **Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa**. 15. ed. Campinas: Papyrus, 2008.

FAZENDA, Ivani C. A. (org.). **O que é interdisciplinaridade**. São Paulo: Cortez, 2008.

FLORES, Valdir do Nascimento (org.). **Dicionário de Linguística da enunciação**. São Paulo: Contexto, 2009.

FLORES, Valdir do Nascimento; TEIXEIRA, Marlene. **Introdução à linguística da enunciação**. São Paulo: Contexto, 2005.

GERALDI, João Wanderley. (org.). **O texto na sala de aula – leitura e produção**. 3. ed. Cascavel, PR: Assoeste, 1985.

GUSDORF, G. O gato que anda sozinho. In: POMBO, O; GUIMARAES, H. M.; LEVY, T. (org.). **Interdisciplinaridade**: antologia. Porto: Campo das letras, 2006.

JAPIASSU, Hilton. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda. 1976.

KOCH, Ingedore G. Villaça. **Desvendando os segredos do texto**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

KOCH, Ingedore G. Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

MEDINA, José. **Linguagem: Conceitos – Chave em Filosofia**. São Paulo: Artmed, 2007.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários a educação do futuro**; tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya; revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho. 2. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.

PAVIANI, Jayme. **Interdisciplinaridade: conceitos e distinções**; 2. ed. Caxias do Sul, RS: Educs, 2008.